

Metamorfoses: a transformação dos mitos e o ato de (re)contar histórias¹

Vinícius Moraes Tiago^{*}

Fernanda Cunha Sousa^{**}

Juliana Auler Matheus Rodrigues^{***}

RESUMO: Com base na contação de histórias mitológicas das *Metamorfoses*, de Ovídio, o presente estudo analisa o caráter transformador e, ao mesmo tempo, referenciador que perpassa esse (re)contar. Para tanto, investiga-se o movimento contínuo de ressignificação dos mitos e explora-se a própria concepção ovidiana de metamorfose, “omnia mutantur, nihil interit” (*Met.* XV, 165). Nesse sentido, o trabalho destaca um processo inverso àquele em que as próprias narrativas mitológicas se estabeleceram (da oralidade para a escrita), assim como a relevância do contato literário via contação.

Palavras-chave: contação; mitologia; oralidade; *Metamorfoses*; Ovídio.

Introdução

Por muito tempo, o repertório literário da Antiguidade clássica foi compreendido não só como um instrumento do fazer artístico, de conservação e difusão de saberes, mas também como um elemento de distinção social, reservado a uma elite erudita. Nos últimos anos, em contrapartida, tem havido um crescente esforço em proporcionar um amplo acesso a esse arcabouço literário, que apesar de fazer parte da nossa cultura através de inúmeras releituras (CALVINO, 1993), muitas vezes acaba retomando seu antigo papel socialmente distintivo devido à escassez de contato do grande público com o próprio repertório de origem. Portanto, a favor desse cenário de ampliação do acesso ao repertório literário da Antiguidade, destaca-se a importância da constante reflexão acerca do papel social da cultura clássica como um todo em nossa sociedade atual.

Nesse sentido, este estudo aborda as transformações presentes no ato de adaptar e (re)contar histórias mitológicas das *Metamorfoses* de Ovídio, analisando através da relação entre escrita e oralidade (VERNANT, 2006) um caminho inverso àquele em que as próprias narrativas mitológicas foram se estabelecendo ao longo do tempo. Além disso, ao encontro das constatações de Ong (1998), Torres e Tettamanzy (2008) busca-se enfatizar o caráter de criação presente no ato de narrar histórias oralmente, afastando

¹ Este estudo só foi possível graças ao apoio concedido, por meio de bolsas, para os estudantes inscritos nos projetos “Letras Clássicas na Escola IV” (ProPesq/UFJF) e “Contos de Mitologia” (ProEx/UFJF). Portanto, nossos agradecimentos à Pró-Reitoria de Pesquisa (ProPesq/UFJF) e à Pró-Reitoria de Extensão (ProEx/UFJF) pelo suporte financeiro concedido durante todo o desenvolvimento dos trabalhos.

^{*} Graduando em Letras Português-Latim pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de iniciação científica pelo programa de Bolsas de Iniciação Científica (BIC) da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (PROPP/UFJF)..

^{**} Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora adjunta de Latim e Literatura Latina da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (FacLet/UFJF).

^{***} Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de extensão universitária pelo programa de bolsas da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (ProEx/UFJF).

falsas concepções de contação como simples memorização de narrativas. Não obstante, adota-se uma postura de transmissão literária que mantém a própria ambiguidade mítica ao deixar em aberto diversas chaves de leitura (CALVINO, 1993), constatando-se o valioso e contínuo movimento de ressignificação dos mitos durante o processo de adaptação e contação.

Assim, além de ressaltar a importância de se incentivar que múltiplas formas de experienciar e significar um mesmo acontecimento – ou mito – sejam possíveis (BONDÍA, 2002), o presente trabalho busca evidenciar a relevância do contato das crianças, antes mesmo de se tornarem leitoras, com o repertório literário latino via oralidade. Para tanto, inicialmente, este trabalho descreve os projetos envolvidos no processo de contação e faz uma breve introdução da obra *Metamorfoses*. Em seguida, são analisados os diferentes aspectos de transformação dos mitos: na adaptação do texto para a oralidade; na contação, por meio especificamente da figura do contador; na ressignificação através da socialização contador-ouvintes. Por fim, o artigo explora a própria concepção ovidiana de metamorfose, “omnia mutantur, nihil interit”² (*Met.* XV, 165), para perpassar e concluir as temáticas abordadas ao longo do texto.

1. O(s) projeto(s) e as *Metamorfoses*

Desenvolvido desde 2013, o projeto de iniciação científica "Letras Clássicas na Escola" (ProPesq/UFJF) tinha como objetivo inicial fazer um levantamento, de forma ampla, sobre o papel que a cultura clássica desenvolve na formação do indivíduo como cidadão, avaliando possíveis relações com o currículo escolar brasileiro do Ensino Básico. Com efeito, conforme foi constatado nas fases anteriores da pesquisa, há uma escassa referência à cultura clássica na legislação atual que define as diretrizes curriculares vigentes. Portanto, nos últimos anos, os esforços do projeto têm se voltado para o desenvolvimento de iniciativas lúdicas e didáticas que permitam a ampliação do acesso ao repertório literário latino e à cultura clássica em ambientes escolares³.

Nesse sentido, atualmente, em parceria com o projeto de extensão “Contos de Mitologia” (ProEx/UFJF), o “Letras Clássicas na Escola IV” desenvolve sua pesquisa em torno da obra *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio, elaborando adaptações para contação de histórias e materiais lúdico-didáticos que possam ser aplicados logo após as narrativas orais. Assim, além de destacar a importância da articulação entre pesquisa e extensão, a interação entre esses projetos busca resgatar o espaço da cultura clássica nos ambientes escolares, já possuindo diversas frentes de atuação – sendo as principais delas nos ensinos Infantil e Fundamental da rede pública. Contudo, abordamos neste trabalho, especificamente, uma das experiências obtidas pela equipe de contação durante as atividades com crianças de 4 a 6 anos de idade desenvolvidas na Escola Municipal Santana do Itatiaia em Juiz de Fora. Além disso, o próprio ato de recontar histórias mitológicas por meio da oralidade permite não só que esse resgate do espaço da cultura clássica seja realizado, como também garante o acesso das crianças, antes mesmo da alfabetização, à própria literatura.

(...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança. Ela representa o seu primeiro livro, antes mesmo da alfabetização, e o único, nos grupos sociais carecidos de letras. Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. (MEIRELES, 1979, p. 66)

² “Todas as coisas são mudadas, nada perece”. Tradução de Elaine Cristina Prado dos Santos (2008).

³ Conforme podemos encontrar no texto de Miotti e Fortes, *Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola* (2014).

Com a concepção de “mundo sentido antes de explicado” em mente, “do mundo ainda em estado mágico”, a escolha das *Metamorfoses* para a contação de histórias demonstra-se extremamente significativa não só por apresentar diversas características voltadas para essa concepção, como também por possuir em sua origem as próprias narrativas orais (como será abordado adiante). Escritas por Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 18 d.C.), as *Metamorfoses* são compostas por quinze livros e narram diversos mitos gregos e romanos unidos em torno do tema da transmutação. Não obstante, essa obra é considerada “uma das fontes primárias de representação mítica do mundo antigo” (CONTE, 1999), além de ser composta por narrativas relativamente pequenas, bastante imagéticas e envolventes – portanto, muito propícias para a contação de histórias.

As *Metamorfoses* são o poema da rapidez, tudo deve seguir-se em ritmo acelerado, impor-se à imaginação, cada imagem deve sobrepor-se a uma outra imagem, adquirir evidência, dissolver-se. É o princípio do cinematógrafo: cada verso como cada fotograma deve ser pleno de estímulos visuais em movimento (...). Ao longo de páginas e mais páginas todos os verbos estão no presente, tudo acontece diante de nossos olhos, os fatos premem-se, toda distância é negada. (CALVINO, 1993, p. 37)

2. A adaptação

O primeiro passo no processo da contação de histórias é a seleção e adaptação do texto mitológico que se pretende narrar oralmente. A pesquisa e, mais especificamente, a adaptação já começam no próprio procedimento de escolha do mito que se pretende contar, pois tal escolha pode ser feita para abordar determinado tema (amor, guerra, *hybris*, etc.), integrar certo arco narrativo (por exemplo, com maior representatividade de personagens femininas) ou, simplesmente, continuar a história de um personagem já abordado. Para além dessas primeiras escolhas, outros fatores também são levados em consideração durante a adaptação, como o tempo médio de duração da contação (dez minutos), o público para o qual será contada a história e, até mesmo, a atividade que será posteriormente desenvolvida. Além disso, por vezes, também são considerados fatores poéticos da narrativa, a título de exemplo, aliterações em “s” (com marcação forte e prolongada) em histórias da Medusa a fim de simular o som de cobras e criar tensão ao longo da história, explorando não só o suporte oral da contação, como também retomando a tradição poética e oral em que os próprios mitos se estabeleceram.

Como se conserva e se transmite, na Grécia, essa massa de "saberes" tradicionais (...)? No que concerne à linguagem, essencialmente de duas maneiras. Primeiro, mediante uma tradição puramente oral exercida boca a boca (...). Em seguida, é pela voz dos poetas (...). Ouve-se o canto dos poetas, apoiado pela música de um instrumento já não em particular, num quadro íntimo, mas em público, durante os banquetes, as festas oficiais, os grandes concursos e os jogos. (VERNANT, 2006, p. 15)

Assim, entra em cena o processo de adaptação (transformação) de um texto que parte da escrita e retorna à oralidade, invertendo o próprio percurso em que as narrativas mitológicas se estabeleceram. Por outro lado, a partir da percepção dessa inversão, o processo de adaptação das *Metamorfoses* não só justifica sua transformação para ser

narrada oralmente, como também remonta e referencia a própria origem oral dos mitos.⁴ Nesse sentido, esse movimento vai ao encontro da própria concepção ovidiana de metamorfose, “omnia mutantur, nihil interit” (*Met.* XV, 165) – “todas as coisas são mudadas, nada perece”⁵. Não obstante, ao mesmo tempo em que o comunicar poético é retomado por meio da oralidade, resgata-se não só uma forma de transmissão de saberes, como também a própria “massa de saberes” em si. Dessa forma, já no processo inicial de adaptação, as questões de ampliação do acesso ao repertório literário latino e à cultura clássica se fazem presentes.

Contudo, vale também destacar que a própria escolha de adaptar as *Metamorfoses* para a oralidade (contação) demonstra-se apenas como uma das diferentes possibilidades de adaptação. A título de exemplo, o mito de Orfeu e Eurídice, narrado por Ovídio no livro XI das *Metamorfoses*, já foi adaptado tanto para o teatro, através da peça *Orfeu da Conceição* (1954) de Vinícius de Moraes, para dar apenas um exemplo, como para o cinema, através do filme *Orfeu Negro* (1959) de Marcel Camus. Além, claro, de inúmeras referências que as *Metamorfoses* suscitam, como no número 74 da *graphic novel* de Neil Gaiman, *Sandman* (1989), em que o personagem principal cita o conceito ovidiano de metamorfose (*Met.* XV, 165) diretamente do latim. Portanto, o processo de adaptação de uma forma mais ampla, para além das próprias releituras (CALVINO, 1993), também configura um primeiro tipo de transformação dos mitos ao transportá-los de um suporte narrativo a outro – podendo, por exemplo, transitar da poesia a peças de teatro, obras de arte e *graphic novels*.

3. O ato de (re)contar histórias

Esse comunicar poético, como já foi esboçado, se estabelece como uma das primeiras formas de contato dos estudantes com a literatura, antes mesmo de serem alfabetizados. Dessa maneira, o ato de recontar histórias das *Metamorfoses* de Ovídio, além de ampliar o repertório literário dos alunos, promove o acesso a um dos elementos formadores de nossa identidade cultural: a cultura clássica – a possibilitando que futuramente esses alunos façam suas próprias análises, inferências e releituras sobre o uso que se faz desses elementos nas mais diversas mídias. Além disso, a contação de histórias que possuem origem na oralidade restabelece um procedimento que permite desenvolver um resgate da socialização de saberes e da memória coletiva (TORRES e TETTAMANZY, 2008). Contudo, o processo de transformação dos mitos nessa etapa se dá através da análise do papel que o contador desempenha.

Conforme Calvino (1993) nos aponta, os clássicos chegam até nós trazendo consigo marcas de leituras que antecederam à nossa, assim como traços das diferentes culturas que atravessaram. Nesse sentido, ao nos atermos à figura do contador durante o processo de contação, podemos constatar que, antes mesmo de narrar, este desempenha um papel de apropriação, criando também suas próprias marcas de leitura.

O contador deixa que a história mergulhe nele e só depois ele conta; primeiro se apropria da história para depois contá-la. “Ele precisa de tempo para deixar que a história mergulhe em seu próprio estoque de temas e fórmulas, tempo para ‘se empenhar’ da história. Quando recorda e reconta a história, em nenhum sentido literal da palavra ele ‘memorizou’ (ONG, 1998, p. 73)”. (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p. 6)

⁴ A esse respeito é necessário ressaltar que, apesar da tradição oral dos mitos, encontram-se inúmeras referências nos próprios textos de Ovídio (como *Amores* I, I e *Tristia*, I, I) em relação à circulação de sua obra por meio escrito, com descrições detalhadas do suporte físico de leitura individual e silenciosa.

⁵ Tradução de Elaine Cristina Prado dos Santos (2008).

Portanto, o contador desempenha um papel muito além do simples ato de memorizar um texto adaptado para a oralidade. Contar, definitivamente, não é memorizar. Cabe à figura do contador um papel de criação. Afinal, mesmo que se parta de um mesmo texto adaptado, cada contador realizará sua própria apropriação do texto, seleção de palavras e significação do mito. Dessa forma, afastada da ideia de simples memorização, cada contação de história mitológica se torna única em seu próprio ato – criando um ambiente em que é possível experienciar um mesmo acontecimento de múltiplas formas. Nesse sentido, configura-se um segundo tipo de transformação dos mitos inerente ao próprio ato de (re)contar histórias.

4. A resignificação dos mitos

Para além das transformações que perpassam as etapas de adaptação e do ato de (re)contar histórias, os próprios mitos também são transformados ao entrar em contato com os indivíduos. Isto é, quando o grupo de contadores entra em uma sala, além de todas as transformações que já foram apresentadas, entra em jogo também o processo de apropriação de cada aluno em relação ao mito narrado. Dessa forma, cria-se um ambiente de diversas formas de significação a partir de uma mesma narrativa mitológica, e destas surgem novos pontos de contato e resignificações, pois:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (BONDÍA, 2002, p. 27)

Nesse sentido, confirma-se através desse ambiente de múltiplas formas de significação a própria característica da ambiguidade mítica presente nas *Metamorfoses*, a qual, segundo Calvino, busca representar o conjunto do que é “passível de ser narrado-transmitido pela literatura com toda a força de imagens e de significados que ele comporta, sem decidir – segundo a ambiguidade propriamente mítica – entre as chaves de leitura possíveis” (1993, p. 35). Portanto, através da combinação desse ambiente de múltiplas significações com as diversas chaves de leitura do próprio texto, é possível observar a significação dos mitos realizada pelos estudantes, assim como constatar a própria socialização dessas diferentes formas de experienciar uma mesma narrativa.

A título de exemplo, após a contação do mito de Perseu e a descrição de seu embate com a Medusa, um dos estudantes desenhou sua versão de ambos os personagens durante a realização das atividades. Ao analisar o desenho e a partir da explicação oral do aluno, que relata ouvir bandas de rock com o irmão mais velho, é possível observar um movimento de transformação, de caráter pessoal, do mito. Isto é, o estudante acrescenta um elemento cultural do cenário do *rock* na figura de Perseu, o *corpse paint*, retomando um imaginário representado principalmente pela banda estadunidense Kiss, que além de possuir inúmeras músicas mundialmente aclamadas, também é conhecida pelo fato de seus integrantes se apresentarem com suas famosas *corpse paints*.



Figura 1 – Desenho Perseu e Medusa “rock ‘n’ roll” realizado por um aluno após a contação

Assim, a partir da percepção da transformação do mito no encontro entre narrativa e indivíduo, constata-se outra característica atribuída às próprias *Metamorfoses* de Ovídio, como “um poema da metamorfose no mito muito mais do que um poema de metamorfoses mitológicas, pois não importa ao poeta a substância do mito e sim suas qualidades imaginativas e estilísticas, aqui está um aspecto essencial da originalidade ovidiana” (SANTOS, 2008, p. 152).

Considerações Finais

Em última análise, o conjunto de transformações e ressignificações dos mitos que foi apresentado confirma a própria concepção de metamorfose presente na obra de Ovídio, pois, ao longo da narrativa poética, as metamorfoses dos personagens ocorrem através da transformação de um *corpus* (corpo) e da permanência de uma *mens* (mente). Nesse sentido, conforme nos lembra Santos (*Mens manet: identidade e outridade nas Metamorfoses de Ovídio*, 2008), a tensão entre essa transformação do corpo e permanência da mente retoma a concepção metamórfica “omnia mutantur, nihil interit” (OVÍDIO, *Met.* XV, 165) – “todas as coisas são mudadas, nada perece”⁶.

Dessa maneira, é possível avaliar: a etapa de adaptação como transformação do suporte (do escrito para o oral) e permanência da própria tradição oral dos mitos; a figura do contador como um intérprete que transforma o contar e mantém o enredo narrativo do mito; a ressignificação como transformação de referências e permanência da própria ambiguidade mítica. Portanto, através da concepção de transformação observada nas *Metamorfoses*, podemos constatar que são constituídos diversos *corpora* e *mentes* ao longo do ato de (re)contar histórias mitológicas – para além dos presentes na própria narrativa.

Além disso, proporcionar esse acesso à cultura clássica e ao repertório literário latino não só resgata essa tradição oral das narrativas mitológicas, como também promove a difusão de um saber que por muito tempo foi reservado a um grupo e utilizado como instrumento de distinção social. Nesse sentido, a atividade de

⁶ Idem.

transmissão literária via oralidade desconstrói essa concepção de um saber luxuoso “reservado a uma elite erudita” (VERNANT, 2006) e, portanto, representa um papel social de extrema importância. Afinal, muitas vezes, devido a diversos fatores políticos e sociais, o acesso à literatura escrita acaba se tornando um privilégio em nossa sociedade.

A atividade literária, que prolonga e modifica, pelo recurso à escrita, uma tradição antiquíssima de poesia oral, ocupa um lugar central na vida social (...) da Grécia. Não se trata, para os ouvintes, de um simples divertimento pessoal, de um luxo reservado a uma elite erudita, mas de uma verdadeira instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo. (VERNANT, 2006, p. 16)

Não obstante, nesse ambiente em que ocorrem múltiplas significações e transformações, compartilhadas a partir de cada indivíduo, a contação atinge outros aspectos do seu caráter social: a percepção do outro e da diversidade. Isto é, investigar as transformações e as conexões que são realizadas durante todo esse processo evidencia e descreve a relevância de proporcionar o acesso à literatura latina por meio da contação, assim como destaca uma prática fundamental da formação do indivíduo como cidadão ao incentivar a percepção do outro e da diversidade.

Nesse sentido, os contadores envolvidos no ato de (re)contar histórias das *Metamorfoses* se esforçam para que os alunos, ao presenciarem uma contação, não só ouçam uma mesma história a fim de experienciá-la de maneiras diferentes, nos termos de Bondía (2002), mas também para que eles compartilhem suas diferentes formas de experimentar um mesmo acontecimento através da socialização com os colegas – seja por meio de exposição oral ou de atividades. Além de incentivar os alunos a ocuparem uma posição de sujeitos através da troca de experiências, vale destacar que a contação é utilizada como um meio e não um fim. Dessa forma, os alunos não só presenciam a contação, como também influenciam diretamente em todo o processo do projeto por meio de suas exposições orais, atividades e ressignificações.

Por fim, a experiência com esse projeto tem demonstrado que a literatura e cultura clássicas podem ser apresentadas de forma acessível, sem perder de vista o original que nos guia. Afinal, conforme nos lembra Candido, “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (1995, p. 191). Além disso, o projeto tem evidenciado a importância da articulação entre pesquisa e extensão, pois, para além das questões já abordadas neste texto, essa parceria permitiu a criação de um espaço de interação único para os estudantes envolvidos nos projetos, em que foi possível acompanhar todo o processo de pesquisa, elaboração, adaptação e aplicação das atividades – garantindo um procedimento completo em relação às práticas de ensino, além, claro, de promover um retorno à sociedade da própria atividade acadêmica.

Metamorphoses: the transformation of myths and the act of storytelling

ABSTRACT: Based on the experience of telling mythological stories from *Metamorphoses* by Ovid, this study investigates transformational and referential aspects that are present in the act of storytelling. Furthermore, we examine the continuous process of resignification of myths and we explore the ovidian concept of metamorphose, “omnia mutantur, nihil interit” (*Met.* XV, 165). The purpose of this

paper is to approach the inverse process by which mythological narratives were established (from orality to writing), highlighting the relevance of the contact with literature through storytelling.

Keywords: storytelling; mythology; orality; *Metamorphoses*; Ovid.

Referências Bibliográficas

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CONTE, G. B. **Latin literature – a history**. Tradução de Joseph B. Solodow. Londres: Johns Hopkins, 1999.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MIOTTI, C. M.; FORTES, F. S. Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 56, p. 153-173, jan/jun 2014.

ONG, W. **Oralidade e Cultura Escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

OVÍDIO, P. **Metamorfoses**. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

SANTOS, E. C. P. *Mens manet*: identidade e outridade nas Metamorfoses de Ovídio. **Classica: revista brasileira de estudos clássicos**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 135-158, 2008.

TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contaçon de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau Literária: revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan/jun 2008.

VERNANT, J. P. A voz dos poetas. In: _____ **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006. p. 15-20.

Data de envio: 15-10-2016

Data de aprovação: 12-12-2016

Data de publicação: 17-03-2017